

🦋 SÃO BERNARDO 🦋

Tratado sobre
O AMOR
de
Deus



TRATADO SOBRE O AMOR DE DEUS

SÃO BERNARDO



Fonte: facbel.edu.br

Índice

Capa

Rosto

Prefácio

Capítulo I - Por que e como devemos amar a Deus.

Capítulo II - O quanto Deus merece o amor do homem por causa dos bens do corpo e da alma. Como é preciso reconhecê-los. Não devemos nos virar contra aquele que nos concedeu.

Capítulo III - Motivos para amar a Deus que os cristãos têm a mais do que os infiéis.

Capítulo IV - Quem encontra o consolo na lembrança de Deus e quem está mais apto a amá-lo.

Capítulo V - Obrigação de amar a Deus, particularmente para os cristãos.

Capítulo VI - Breve recapitulação dos capítulos precedentes.

Capítulo VII - Vantagens e recompensas do amor de Deus. As coisas da terra não podem satisfazer o coração do homem.

Capítulo VIII - Começamos por amar a nós mesmos; é para nós o primeiro grau do amor.

Capítulo IX - Segundo e terceiro graus do amor.

Capítulo X - O quarto grau do amor é de não mais amar a si senão por Deus.

Capítulo XI - O amor perfeito não será compartilhado pelos santos até a ressurreição geral.

Capítulo XII - Fragmento de uma carta aos Cartuxos sobre a caridade.

Capítulo XIII - Da lei da vontade própria e da concupiscência, que é aquela dos escravos e dos mercenários.

Capítulo XIV - Da lei de amor que é própria aos filhos

Capítulo XV - Os quatro degraus do amor e o estado bem-aventurado dos santos no céu.

Ficha Catalográfica

Notas

Prefácio

*Ao muito ilustre senhor Haimeric,
cardeal e chanceler da Igreja romana.
Bernardo, abade de Claraval.
Viver pelo Senhor e morrer nele.*

Até agora tens o costume de me pedir preces, não para esclarecer determinadas questões. Não me sinto capaz nem para uma nem para a outra; pelo menos as preces convêm melhor à minha profissão, ou à maneira pela qual cumpro meus deveres; mas quanto às questões a resolver, parece-me que são necessárias duas coisas que na verdade não possuo, quero dizer, a inteligência e a concisão. Entretanto, vejo com prazer que desprezas as coisas da carne pelas do espírito. Mas deverias dirigir-te a alguém que oferecesse mais recursos do que eu. Essa desculpa, na verdade, é comum às pessoas capazes e às que não o são, e não é fácil saber se vem da modéstia ou da incapacidade, enquanto os esforços devidos não são empreendidos. Então rogo que recebas o que minha mediocridade te oferece, porque não quero, guardando silêncio, passar por um sábio. Contudo, não penso em responder todas as tuas questões, responderei somente, segundo a inspiração de Deus, a questão sobre o Amor de Deus; é a mais doce, a menos difícil de explicar e a mais útil de compreender; reserva as outras para os mais hábeis que eu.

CAPÍTULO I

Por que e como devemos amar a Deus.

1. Queres então saber de mim por qual motivo e em que medida devemos amar a Deus? Bem, digo que o motivo de nosso amor por Deus é o próprio Deus, e que a medida desse amor é amar sem medida. Está suficientemente claro? Sim, talvez, para um homem inteligente, mas devo falar para sábios e ignorantes, e se já disse de modo claro para os primeiros, devo também considerar os segundos. É então para eles que vou desenvolver minhas ideias, e procurar aprofundá-las. Digo que temos duas razões para Deus ser amado por si mesmo: não há nada de mais justo e nada de mais vantajoso. Com efeito, esta pergunta “por que devemos amar a Deus?” apresenta-se sob dois aspectos: por que Deus merece nosso amor, e que vantagem temos em amá-lo. Vejo uma resposta para ambas: a razão pela qual devemos amar a Deus é ele mesmo. Do ponto de vista do merecimento, o grandioso Deus se deu a nós, a despeito de nossa indignidade. Com efeito, o que poderia nos dar que valesse mais do que ele mesmo? Quando perguntamos quais razões temos para amar a Deus, e como adquiriu o direito ao nosso amor, constatamos que a principal é que ele nos amou primeiro. Merece, então, nossa retribuição, sobretudo se consideramos quem é aquele que ama, quem são os amados e como os ama. Quem é, com efeito, aquele que nos ama? É aquele a quem todo espírito presta este testemunho: “És meu Deus, e não precisas do que tenho” (Sl 15,2). E esse amor em Deus não é a verdadeira caridade, visto que não ocorre por interesse? Mas a quem se dirige esse amor gratuito? O Apóstolo responde: “Quando éramos inimigos de Deus é que nos reconciliamos com ele” (Rm 5,10). Deus nos amou com um amor gratuito, mesmo sendo seus inimigos. Mas como nos amou? São João responde: “Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único” (Jo 3,16). São Paulo continua: “Ele não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós” (Rm 8,32). E este Filho, falando de si, disse: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). Assim o Deus santo, soberano e poderoso tem direito ao amor dos homens pecadores, infinitamente pequenos e fracos. Mas se é assim para o homem, não o é para os anjos; concordo, mas não é preciso que seja. Aquele que resgatou os homens da miséria preservou os anjos de uma miséria semelhante, e se seu amor pelos homens lhes deu os meios de se libertarem,

o mesmo amor impediu os anjos de se tornarem como nós.

CAPÍTULO II

O quanto Deus merece o amor do homem por causa dos bens do corpo e da alma. Como é preciso reconhecê-los. Não devemos nos virar contra aquele que no-los concedeu.

2. Quem compreendeu o que precede não pode ignorar por qual razão devemos amar a Deus. Se isso escapa aos infiéis, Deus desconcerta sua ingratidão pelos inúmeros bens que ele concede para o bem-estar do corpo e da alma. Não é dele, com efeito, que o homem recebe o pão que o alimenta, a luz que o ilumina e o ar que respira? Mas seria tolice enumerar os bens que digo serem inumeráveis, e me basta citar os mais importantes, como o pão, o ar e a luz; se os coloco em primeiro lugar, não é porque os acho os mais excelentes, mas são os mais necessários ao corpo. Sobre os bens de primeira ordem, é na alma, esta porção de nosso ser que supera a outra, que devemos buscá-los: são a dignidade, a inteligência e a virtude. Quando falo de dignidade no homem, é ao seu livre-arbítrio que faço alusão; com efeito, é por ele que se eleva acima de todos os outros seres vivos, e que os submete a seu domínio. Pela inteligência reconhece sua dignidade e também compreende que ela não provém dele. Enfim, a virtude o faz buscar com ardor seu Criador e abraçá-lo com força, quando o encontra.

3. Cada um desses três bens se mostra sob dois aspectos ao mesmo tempo: a dignidade é prerrogativa da própria natureza humana e está no temor que o homem inspira incessantemente em todo ser vivo sobre a Terra. A inteligência percebe a dignidade no homem e todos os outros bens que estão nele, mas também compreende que não provém dele. Enfim, a virtude, em suas duas tendências, nos faz, de um lado, buscar com ardor o autor de nosso ser e, de outro, abraçá-lo com força, uma vez que o encontramos. A dignidade sem a inteligência não serve para nada, e esta sem a virtude não pode senão ofender, como prova o raciocínio seguinte: ninguém pode se glorificar do que tem se não sabe que o tem. No entanto, sabendo que tem e ignorando que não provém dele, glorifica-se, então, mas não o faz diante de Deus, e é por isso que o Apóstolo diz: “Que possuis que não tenhas recebido? E, se recebeste, por que haveria de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?” (1Cor 4,7). Ele não diz simplesmente: “Por que haverias de te ensoberbecer?”. Mas adiciona: “como se não o tivesses recebido”, para mostrar que é não repreensível se glorificar do que se tem, mas se glorificar

do que se tem como se não tivesse sido recebido. Com razão essa glória é chamada vã, porque ela não repousa sobre o fundamento sólido da verdade. O Apóstolo a distingue da glória verdadeira, dizendo: “[...] aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1Cor 1,31), quer dizer, na verdade, porque Deus é a verdade.

4. Há então duas coisas, a saber: o que somos e que não somos por nós mesmos. Então, não nos glorificaremos de maneira nenhuma, ou nossa glória será vã. Enfim: “Se não conheces a ti mesmo, vaguearás perdido entre os rebanhos dos teus companheiros” (Ct 1,6-7). É, de fato, o que ocorre, porque, enquanto um homem digno não conhece sua posição elevada, comparamo-lo com razão, por tal ignorância, aos animais sujeitos à corrupção e à mortalidade. Assim, não se conhecendo a si mesma, a criatura, cuja razão a distingue dos animais, começa a se confundir com eles, porque ignora sua própria glória que é inteiramente interior, cede à tentação da curiosidade e não se preocupa mais senão com a beleza exterior e sensível; ela se assemelha às outras criaturas porque não percebe que recebeu algo a mais que elas. Devemos evitar cuidadosamente a ignorância de nos glorificarmos com o que é inferior. Mas evitemos com um cuidado ainda maior esta outra ignorância de atribuir a nós mesmos mais do que merecemos, como ocorre quando cometemos o engano de nos imputar o bem, qualquer que seja, que vemos em nós. Mas o que é preciso detestar e repelir mais ainda do que esses dois tipos de ignorância é a presunção pela qual, intencionalmente e de modo deliberado, nós nos glorificamos do bem que está em nós, como se ele viesse de nós, sem temor de roubar de outro a glória indevida. No primeiro caso, não se glorifica de nada; no segundo, se glorifica, mas não em Deus; e no terceiro, não se peca mais por ignorância, mas usurpa-se intencionalmente o que pertence a Deus, reivindicando-o para si. Essa audácia, comparada à segunda ignorância, parece mais grave e mais perigosa, porque se uma desconhece Deus, a outra o despreza; mas comparada à primeira, ela parece tanto mais maldosa e mais detestável, pois se a ignorância nos assemelha aos brutos, essa audácia nos associa aos demônios. Porque não há senão o orgulho, o maior dos males, em quem usa os bens que recebeu como se não tivesse recebido, e desvia em proveito próprio a glória que um benfeitor deveria receber por suas ações.

5. Deve-se unir à dignidade e à inteligência a virtude, que é seu fruto; é por ela que buscamos e encontramos o autor de todas as coisas, aquele a quem sempre devemos render a glória respectiva; de outro modo seremos rudemente castigados por não termos feito o que sabemos que era preciso

fazer. Por que isso? Porque aquele que age assim não adquiriu a inteligência para fazer o bem, mas, ao contrário, premeditou a fraude em seu leito (Sl 35,4-5), e tentou, como um servidor infiel, desviar e mesmo roubar para seu próprio proveito a glória que seu grande mestre deveria receber por causa dos bens que sabia perfeitamente, pela virtude da inteligência, não serem seus. Então é bem evidente que a dignidade sem a inteligência é inútil, e que a inteligência sem a virtude nos leva à ruína. Mas, para o homem que possui a virtude, a inteligência não será funesta, nem a dignidade, inútil; ele exclama e louva a Deus afetuosamente nestes termos: “Não a nós, Javé, não a nós, mas ao teu nome dá glória...” (Sl 113,9). Isso quer dizer: Senhor, não atribuímos a nós nem a inteligência, nem a dignidade; atribuímos tudo a teu nome, porque é dele que tudo recebemos.

6. Mas estamos demasiado longe de nosso propósito, querendo provar que mesmo aqueles que não conhecem o Cristo são advertidos pela lei natural, e pelos bens do corpo e da alma, a amar a Deus, por ele mesmo. Com efeito, para resumir em poucas palavras o que dissemos acima, qual é o infiel que não sabe que recebeu daquele que faz o sol nascer sobre os bons e os maus, e faz a chuva cair sobre os santos e os ímpios, todos os bens necessários à vida, tal como os alimentos, a luz e o ar? Qual homem, por mais ímpio que seja, atribuirá a dignidade particular da espécie humana, que vê brilhar em sua alma, a outro senão àquele que disse no Gênesis: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança...” (Gn 1,26)? Quem verá o autor da inteligência senão naquele que tudo ensina aos homens? E de que mão pensará ter recebido o dom da virtude, senão daquela do Deus das virtudes? O Senhor merece, então, ser amado, por ele mesmo, pelo infiel que no mínimo o conhece, ainda que não conheça o Cristo; aquele que não ama o Senhor Deus, de todo o coração, de toda a sua alma e com todas as suas forças, não tem desculpa; porque a justiça inata em seu coração, assim como sua razão, grita-lhe do fundo da alma que ele deve amar de todo o coração aquele de quem recebeu tudo o que é. Mas é bem difícil, melhor dizendo, é impossível que o homem, pelas suas próprias forças ou pelas forças do livre-arbítrio, atribua totalmente a Deus tudo o que recebeu, e não o atribua a si mesmo, retendo-o como se lhe pertencesse, como está escrito em algum lugar: “[...] pois procuram atender os seus próprios interesses...” (Fl 2,21). E ainda: “[...] os desígnios do coração do homem são maus desde a sua infância” (Gn 8,21).

CAPÍTULO III

Motivos para amar a Deus que os cristãos têm a mais do que os infiéis.

7. Os fiéis, ao contrário, sabem o quanto precisaram do Jesus crucificado, mas ao admirar e receber o amor que tem por nós, que ultrapassa todo conhecimento, não ficam embaraçados por não dar nada além de si mesmos, por pouco que seja, em retribuição a uma caridade e a uma condescendência tão grandes; é-lhes mais fácil amar mais, pois se sentem cada vez mais amados; ressentem-se menos quem recebe menos amor. Os judeus, não mais que os pagãos, não se sentem tão estimulados com as mesmas ferroadas de amor que atingem a Igreja e a fazem dizer: “Tenho sido ferida pelo amor”. Ou, melhor ainda: “Sustentai-me com bolos de passas, dai-me forças com maçãs, ó!, que estou doente de amor” (Ct 2,5). Ela viu Salomão usando sobre a cabeça o diadema com o qual a mãe o coroou; ela viu o Filho único do Pai carregar sua cruz, Deus todo majestoso espancado e coberto de escarro, o autor da vida e da glória crivado por pregos, perfurado por uma lança, impregnado de opróbios, dando por seus amados sua alma bem-amada. Vendo tudo isso, ela sente o gládio do amor penetrar mais fundo em seu coração, e exclama: “Sustentai-me com bolos de passas, dai-me forças com maçãs, ó!, que estou doente de amor”. As romãs que a esposa, tendo plantado no jardim de seu bem-amado, gosta de colher da árvore da vida têm o gosto do pão celeste e a cor do sangue de Cristo. Depois viu a morte vencer a morte, e viu o vencedor voltar triunfante, dos infernos à terra e da terra aos céus, seguido de uma multidão de cativos, de modo que unicamente ao soar o nome de Jesus todos se ajoelharam nos céus, na terra e debaixo da terra (Fl 2,10). A terra, sob antiga maldição, não produziu nada além de cardos e espinhos; agora, rejuvenescida por uma nova benção, cobre-se de flores. Então a esposa, lembrando-se deste verso: “[...] fui socorrido, meu coração exulta, com meus cantos lhe dou graças” (Sl 27,7), revigora suas forças com os frutos da paixão que colheu sobre a árvore da cruz, e com as flores da ressurreição, cujo perfume delicioso convida seu bem-amado a repetir suas visitas.

8. Enfim, ela exclama: “Como és belo, meu amado, e que doçura! Nosso leito é todo flores” (Ct 1,15).^[1] Falando desse leito, faz compreender o que deseja e, acrescentando que está coberto de flores, revela suas intenções.

Não é pelos atributos de sua pessoa, mas pela atração que as flores, colhidas em um campo abençoado por Deus, têm sobre seu bem-amado, porque elas exercem uma grande atração sobre Cristo que quis ser concebido e amamentado em Nazaré. Este esposo celeste, atraído pelos perfumes que exalam, gosta de vir ao quarto do coração, quando o encontra repleto de frutos e perfumado pelas flores. Apressa-se em vir e gosta de permanecer na alma que vê meditando, cuidadosamente aplicada em recolher os frutos de sua paixão e a cultivar as flores de sua ressurreição. Esses frutos da última safra, digo, dos séculos que decorreram sob o império da morte e do pecado, e que amadureceram na plenitude do tempo, são lembranças de sua paixão. Mas é no brilho da sua ressurreição que é preciso ver as flores novas de novos tempos que a graça faz brotar para um segundo verão; no fim dos tempos, na ressurreição geral, elas darão frutos incontáveis: “Vê o inverno: já passou! Olha a chuva: já se foi! As flores florescem na terra, e o tempo da poda vem vindo...” (Ct 2,11-12). A Esposa quis dizer, expressando-se assim, que o verão apareceu com aquele que derreteu o gelo da morte para renascer no clima primaveril de uma nova vida, dizendo: “Eis que eu faço novas todas as coisas” (Ap 21,5). Seu corpo, semeado na morte, floresceu na ressurreição; e pelo odor que exala, logo se vê, em nossos vales e planícies, o que estava morto ou congelado cobrir-se de verde, renascer à vida e readquirir o calor.

9. O viço dessas flores, a frescura desses frutos e a beleza desse campo, de onde exalam os perfumes mais doces, impelem tanto o Pai quanto o Filho a renovar todas as coisas, e inspira-lhes esta exclamação: “Sim, o odor de meu filho é como o odor de um campo repleto de flores,^[2] que Javé abençoou” (Gn 27,27). Sim, repleto de flores, pois é de sua plenitude que recebemos tudo o que temos. Mas a Esposa, quando lhe agrada, colhe livremente flores e frutos para adornar a morada íntima de sua consciência, a fim de que, ao chegar o Esposo, o pequeno leito de seu coração exale os mais suaves odores. Desse modo, se queremos que o Cristo faça em nós sua morada, é preciso que nossos corações sejam preenchidos da fiel lembrança da misericórdia e do poder, que nos foram mostrados em sua morte e em sua ressurreição. É o pensamento de Davi, quando disse: “Deus falou uma vez, e duas vezes eu ouvi. Isto: a Deus pertence a força, e a ti, Senhor, pertence o amor” (Sl 61,12-13). Cristo o comprovou plenamente porque, após morrer para expiar nossos pecados, ressuscitou para nos justificar, subiu ao céu para nos proteger e enviou o Espírito Santo para nos consolar; e, mais tarde, retornará para consumir nossa salvação. Vejo em sua morte a prova de sua

misericórdia; na ressurreição, a do poder; e no restante, os dois juntos.

10. Se a Esposa pede que seja sustentada com flores perfumadas e fortificada com frutos aromáticos, penso que é porque ela sente que o amor pode perder seu calor e sua força; mas ela não recorre a esses estimulantes até que entre no quarto de seu bem-amado, sintam-se coberta dos beijos tão desejados e possa exclamar: “Sua mão esquerda está sob minha cabeça, e com a direita me abraça” (Ct 2,6). Mas então sentirá e verá por si mesma quanto estas provas de amor que recebeu da mão esquerda do Esposo, cumuladas no dia de seu primeiro advento, estão aquém dos abraços de sua direita e lhe são inferiores, e compreenderá estas palavras: “O espírito é que vivifica, a carne para nada serve” (Jo 6,63); e penetrará no sentido destas palavras: “Porque a minha lembrança é mais doce do que o mel, minha herança mais doce do que o favo de mel” (Eclo 24,27). Se está dito, em seguida: “A memória de meu nome não passará de século em século” (*ibidem*, 28),^[3] é para mostrar que os eleitos que ainda não estão saciados com a presença do Esposo têm ao menos sua lembrança para se consolar, enquanto durar o século presente, ao longo do qual as gerações passam e se sucedem. Se está escrito: “Difundirão a lembrança da tua bondade imensa...” (Sl 144,7), isso decorre do que o salmista disse anteriormente: “Uma geração apregoa tuas obras a outra” (*ibidem*, 4). Assim, estes que vivem sobre a Terra não têm para si senão a lembrança do Esposo, e os que reinam nos céus gozam de sua presença; essa é a glória dos eleitos que já chegaram ao porto da salvação, aquela é o consolo dos que ainda não terminaram a viagem.

CAPÍTULO IV

Quem encontra o consolo na lembrança de Deus e quem está mais apto a amá-lo.

11. Mas é interessante ver quem encontra o consolo na lembrança de Deus. Não são os homens corrompidos que irritam Deus sem parar e de quem é dito: “Mas ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação!” (Lc 6,24); mas são os que podem exclamar de verdade: “meu ser recusou todo conforto” (Sl 76,3); acreditaremos neles de bom grado se acrescentarem, com o salmista: “Lembro-me de Deus e fico gemendo; medito, e meu respirar vacila” (Sl 76,4). É justo, de fato, que aquele que ainda não goza da presença do bem-amado mire os olhos no futuro, e que aquele que desdenha qualquer consolo da torrente dos acontecimentos transitórios aprecie bem as lembranças do que permanece eternamente. Tais são aqueles que buscam o Senhor e a face do Deus de Jacó, ao invés dos próprios interesses. Para aqueles que suspiram por Deus e clamam por sua presença com todo o querer, sua lembrança é doce; mas longe de apaziguar a fome, ele a aumenta para o alimento que deve lhes satisfazer. Previu esse alimento quando disse, falando de si: “Os que me comem terão ainda fome” (Eclo 24,29). Igualmente diz quem se nutriu: “Eu me saciarei com tua imagem” (Sl 16,15). Contentem-se, entretanto, desde já, os que têm fome e sede de justiça, pois ninguém senão eles serão saciados. E ai de ti, raça má e perversa, ai de ti, povo tolo e insensível, que não se contenta com sua lembrança e que teme sua presença. Têm razão para temer, pois não veem como escapar das redes dos caçadores, porque “[...] os que querem se enriquecer caem em tentação e cilada” (1Tm 6,9); não poderão um dia escapar desta palavra dura, bem dura e bem cruel: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos” (Mt 25,41). Quanto mais é suave e doce isto que ouvimos repetir todos os dias na Igreja, ao lembrar da paixão: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (Jo 6,54). Isso quer dizer: aquele que honrou minha morte e, seguindo meu exemplo, mortifica sua carne sobre a terra terá a vida eterna; ou ainda: se repartes meu sofrimento, repartirás também meu reino. E, portanto, ainda hoje, diante destas palavras, partam para longe dizendo, senão pela boca, pelo menos pela sua conduta: “Essa palavra é dura! Quem pode escutá-la?” (*ibidem*, 60) Pois os homens, ao invés de conservarem seu coração honesto e

puro permanecerem fiéis a Deus, preferem colocar suas esperanças em riquezas incertas, sofrendo ao ouvir falar da cruz; a simples lembrança da paixão lhes parece um peso esmagador; quão mais avassaladoras serão para eles estas palavras do juiz: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos” (Mt 25,41)? Elas esmagarão, como uma rocha, aqueles sobre os quais caírem. Mas os santos serão abençoados; junto ao Apóstolo, não têm outro anseio: “Por isso também esforçamo-nos por agradar-lhe, quer permaneçamos em nossa mansão, quer a deixemos” (2Cor 5,9). Também ouvirão estas palavras: “Venham, bem-amados de meu Pai”. É então que aqueles que não mantiveram seu coração no reto caminho sentirão, embora tarde demais, quão meigo e leve são o jugo e o fardo do Cristo, dos quais, com orgulho, pouparam seu coração endurecido, como se se tratasse de um jugo avassalador e de um fardo pesado. Não podeis, infelizes escravos do dinheiro, glorificar-vos na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo e ao mesmo tempo colocar vossas esperanças nos tesouros, aspirar pela riqueza e saborear a doçura do Senhor; quando virdes aquele cuja lembrança não vos pareceu repleta de doçura, certamente o achareis temível.

12. Quanto à alma fiel, ela suspira com todas as suas forças pela visão de Deus, e repousa suavemente em sua lembrança; ela se glorifica das ignomínias da cruz, enquanto não lhe é dado contemplar o Senhor face a face. Eis certamente o repouso e o sono que a Esposa, a colomba do Cristo, aprecia em meio aos bens herdados; ela tem, desde já, as asas brancas e prateadas da pureza e da inocência, pela lembrança de tua inefável doçura, ó Senhor Jesus, e ainda espera ser embriagada de felicidade quando vir tua face resplandecente do brilho do ouro sobre as plumas de seu pescoço, e tua sabedoria inundá-la de luz na glória e na felicidade dos santos. Ela tem razão de se glorificar desde já e de dizer: “Sua mão esquerda está sob minha cabeça, e com a direita me abraça” (Ct 2,6). O braço esquerdo do Esposo é a lembrança desse amor que nenhum outro iguala em grandeza e que a dispõe a doar sua vida por seus amigos; seu braço direito é a visão beatífica que prometeu aos seus e a alegria com a qual serão embriagados, quando gozarem de sua divina presença. Não é à toa que essa visão divina e deificante, essa inestimável felicidade da visão de Deus é representada pela mão direita, pois é dessa mão que é dito de maneira inefável: “[...] e delícias à tua direita, perpetuamente” (Sl 15,11). É por um motivo idêntico que a mão esquerda é como o lugar dessa admirável caridade de que falamos mais acima, e de que não seria demais lembrar; pois é sobre essa mão que a

Esposa apoia sua cabeça e descansa, aguardando que passe a iniquidade.

13. Não, não é sem razão que o Esposo coloca seu braço esquerdo sob a cabeça da Esposa, que representa a tendência de sua alma, a fim de que ela se entregue e repouse, para assegurar que não fraqueje nem se incline para os desejos carnis seculares; pois o envelope terrestre e corruptível do corpo pesa demasiado sobre a alma e a faz rebaixar os pensamentos. Mas ela não pode deixar de elevá-los, mediante uma misericórdia à qual temos tão pouco direito, um amor tão gratuito e tão evidente, uma honra tão inesperada, uma mansidão e uma doçura tão perseverantes e tão admiráveis. Como a meditação atenta a essas coisas não a elevaria até o espírito que nutre e não a separaria de toda afeição inadequada? Que impressão profunda ela não lhe causaria, e como não poderia inspirar-lhe desprezo por isso de que se goza somente ao rejeitar a todas essas grandes coisas? Elas se espalham como o bom odor daqueles perfumes deliciosos para os quais a Esposa alegremente apressa o passo e se sente consumida de amor. Enquanto ela se vê tão amada, a ele parece que ela ama muito pouco, mesmo se fosse toda amor, e ela tem razão de acreditar nisso; que retribuição um grão de poeira pode dar para um amor tão grande e vindo de tão alto, mesmo se consumindo todo de amor e gratidão? A majestade divina não a preveniu, não se mostrou completamente ocupada em salvá-la? “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único” (Jo 3,16); ora, é evidentemente de Deus Pai que se fala aqui, e, enquanto se diz: “[...] visto que entregou a si mesmo à morte” (Is 53,12), é do Filho que se trata. Quanto ao Espírito Santo, nos ensina: “Mas o Paráclito, o Espírito Santo que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse” (Jo 14,26). Deus nos ama e nos ama de todo seu ser; pois a Trindade nos ama inteira, se é que é possível se expressar assim, falando do Ser infinito e incompreensível no qual não existem partes.

CAPÍTULO V

Obrigação de amar a Deus, particularmente para os cristãos.

14. Quando se pensa em tudo isso, compreende-se facilmente por que se deve amar a Deus e que direito ele tem ao nosso amor. E no que diz respeito ao infiel? Como não conhece Deus Filho, ignora do mesmo modo o Pai e o Espírito Santo; e como não glorifica o Filho, não saberia glorificar o Pai que o enviou nem o Espírito Santo que é um dom do Filho; conhece Deus menos que nós, então não surpreende que o ame menos; todavia, não ignora que deve a si mesmo completamente àquele de quem recebeu a existência. Mas como será isso para mim, pois não posso ignorá-lo? Não somente Deus me deu o ser sem que houvesse merecido, não somente proveu amplamente minhas necessidades; ele me consola com bondade e me dirige com solicitude; mais ainda, é autor de minha redenção e de minha salvação eterna; é para mim um tesouro e a fonte da glória. Lemos, com efeito: “[...] pois com Javé está o amor, e redenção em abundância” (Sl 129,7); e: “Entrou uma vez por todas no Santuário, não com o sangue de bodes e de novilhos, mas com o próprio sangue, obtendo redenção eterna” (Hb 9,12); “Javé conhece os dias dos íntegros, e sua herança permanecerá para sempre” (Sl 36,18). Ele nos enriquece; está dito, com efeito: “Será derramada em vosso regaço uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante” (Lc 6,38). E ainda: “[...] o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, e o coração do homem não percebeu tudo o que Deus preparou para os que o amam” (1Cor 2,9). Ele nos cobre de glória; pois, segundo o Apóstolo: “[...] esperamos ansiosamente como Salvador o Senhor Jesus Cristo, que transfigurará nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso” (Fl 3,20-21); e mais: “Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós” (Rm 8,18). Então, este momento tão curto, tão fugidio, das aflições da vida atual produz em nós o peso eterno da glória incomparável (2Cor 4,17) se, ao invés de nos determos nas coisas visíveis, nos dirigirmos às invisíveis.

15. O que concederei ao Senhor por tudo isso? A razão e a justiça natural me impõem uma obrigação premente de me dar inteiro àquele de quem recebi tudo o que sou, e de consagrar todo meu ser a amá-lo. A fé também me diz para ter por ele um amor tão grande que compreendo bem que devo estimá-lo mais do que a mim mesmo, porque se recebi tudo o que sou a

partir de sua munificência, também lhe devo o dom que fez de si mesmo para mim. Enfim, a época da fé cristã ainda não tinha chegado, não havia ainda um Deus revestido de nossa carne, que não estava morto sobre a cruz, nem havia descido do sepulcro, nem havia retornado ao lado de seu Pai. Digo que ele não tinha feito brilhar toda a extensão de seu amor por nós, desse amor de que me senti compelido a lhes falar mais acima, e o homem já recebera a ordem de amar o Senhor seu Deus, de todo coração, de toda sua alma e de todas as suas forças, ou seja, de todo seu ser, de todo amor de que é capaz, enquanto criatura dotada de força e de inteligência. Certamente, não seria injustiça da parte de Deus reclamar sua obra e seus dons. Por que a obra não amaria aquele que a fez, se recebeu dele o poder de amar, e por que não o amaria com todas as suas forças, se recebeu dele tudo o que tem? Acrescente a isso que ele a tirou do nada sem nenhum mérito anterior, para ser em seguida elevada em dignidade; assim, a obrigação de amar a Deus parecerá tão evidente, e seu merecimento ao nosso amor, muito mais fundamentado. Além disso, não completou suas benesses e misericórdia ao nos salvar quando estávamos caídos entre os animais (Sl 48,13)? Com efeito, pelo pecado fomos expulsos da honorável posição que era a nossa, tornando-nos semelhantes ao boi que pasta pelos campos e aos animais privados da razão. Então, se me devo totalmente ao meu Criador, como não me deveria ainda mais ao meu Reparador, e a qual reparador? Foi bem menos fácil me reparar que me criar; pois, ao dar o ser não somente a mim, mas a tudo que existe, a Escritura relata: “[...] pois ele mandou e foram criados” (Sl 148,5). Por uma palavra me deu inteiro, mas para reparar o ser, quais palavras teve que pronunciar, quais maravilhas teve que operar, quais tratamentos cruéis, não é demais dizer, quais tratamentos indignos precisou sofrer! “Como retribuirei a Javé todo o bem que me fez?” (Sl 115,12). Quando me criou, me deu a mim mesmo; mas restituiu o meu ser, quando se deu a mim; criado inicialmente, restituído em seguida, então, eu me devo a ele por mim, e me devo duas vezes. Mas o que oferecerei a Deus por ele? Pois, se pudesse me dar mil vezes, que seria isso em comparação com Deus?

CAPÍTULO VI

Breve recapitulação dos capítulos precedentes.

16. Reconhece inicialmente em que medida Deus merece ser amado, ou melhor, compreende que ele o deve ser sem medida. Com efeito, para me resumir em poucas palavras, ele nos amou primeiro; ele tão grande, nós tão pequenos; ele nos amou em excesso, tal qual somos, e antes de qualquer mérito de nossa parte; eis por que disse, ao começar, que a medida de nosso amor por Deus é de exceder toda medida; de início, porque o objeto de nosso amor é imenso, infinito (pois tal é Deus). Qual deve ser, pergunto, o termo e a medida de nosso amor por ele? Além disso, nosso amor não é gratuito; é o pagamento de uma dívida que contraímos. Enfim, quando é o Ser imenso e eterno, o amor mesmo por excelência, quando é um Deus cuja grandeza é sem limites, cuja sabedoria é incomensurável, cuja paz está além de todo sentimento e de todo pensamento, quando é tal Deus que nos ama, manteremos alguma medida em nosso amor para com ele? Amar-vos-ei então, Senhor, vós que sois minha força e meu apoio, meu refúgio e minha salvação, vós que sois para mim tudo o que se pode dizer de mais desejável e de mais amável. Meu Deus e meu sustentáculo, amar-vos-ei com todas as minhas forças, não tanto quanto vós mereceis, mas certamente tanto quanto eu puder. Se não posso tanto quanto devo, é porque não me é possível amar-vos mais do que com todas as minhas forças. Não vos amarei mais até que me concedais a graça de poder fazê-lo. E isso ainda não será amar-vos como mereceis. Vossos olhos veem toda minha impotência, mas sei que registrais em vosso livro da vida tudo sobre aqueles que fazem o que podem, mesmo quando não podem tudo o que devem. Disse o suficiente, se não me engano, para mostrar como Deus deve ser amado e por que merece nosso amor. Disse o porquê, mas, por sua excelência, quem poderia compreendê-lo, quem poderia exprimi-lo, quem poderia senti-lo?

CAPÍTULO VII

Vantagens e recompensas do amor de Deus. As coisas da terra não podem satisfazer o coração do homem.

17. Veremos agora como o amor de Deus é vantajoso para nós. Sim, veremos; mas como comparar o que veremos com o que é? Embora nossa visão não possa contemplar toda a verdade, esse ponto não deve ser ignorado. Perguntamo-nos mais acima por que motivo e em que medida devemos amar a Deus, e dissemos que esta pergunta: “por que motivo devemos amá-lo?” apresenta-se sob dois pontos de vista, pois se pode entendê-la desta maneira: “qual direito Deus tem ao nosso amor?”; ou desta outra: “que vantagem temos em amá-lo?”. Falamos da melhor forma que pudemos, se não da forma mais digna de Deus, sobre ele ter direito ao nosso amor. Faremos o mesmo para as vantagens que obtemos desse amor; pois, se devemos amar a Deus sem nos preocupar com a recompensa, não deixamos, no entanto, de ser recompensados ao amá-lo. A verdadeira caridade não pode permanecer sem retribuição e, no entanto, não é mercenária, pois não procura seu próprio interesse (1Cor 13,5). O amor é um movimento da alma, e não um contrato; não é adquirido em virtude de uma convenção, nem de nada desse tipo; ele é completamente espontâneo em seus movimentos e nos torna semelhantes a ele: enfim, o verdadeiro amor se satisfaz consigo mesmo. Sua recompensa está no objeto amado; pois, seja qual for o objeto que se parece amar, se é amado em virtude de um outro, é verdadeiramente este outro que se ama, e não mais aquele, de que o coração se serve para o atingir. É assim que São Paulo não prega o Evangelho para conseguir comida, mas ele come a fim de poder pregar o Evangelho, pois o que ele ama não é o alimento que toma, mas o Evangelho que anuncia (1Cor 9,18). O verdadeiro amor não busca nenhuma recompensa, mas ele a merece; certamente, não se pede àquele que se ama uma recompensa por seu amor, mas ele merece ser recompensado e o será, se continuar amando. Enfim, numa ordem menos elevada, somente aqueles que sofrem para fazer as coisas animam-se a fazê-las pela promessa de recompensas, não aqueles que têm autonomia. Quem nunca pensou em oferecer a alguém uma recompensa para fazer o que está cansado de fazer? Porém, seguramente, não se dá dinheiro a um homem morrendo de fome e de sede para motivá-lo a comer ou a beber, nem a uma mãe dedicada para aleitar o fruto de suas

entranhas, e não se empregam nem preces nem promessas para incentivar alguém a cercar seu vinhedo com uma cerca, a remexer a terra ao pé de suas árvores ou a elevar a cumeeira de sua casa. Por uma razão bem mais forte, aquele que ama a Deus não precisa ser incentivado pelo apelo de uma recompensa que não seja o próprio Deus; de outra forma, não seria a Deus que amaria, mas sim a recompensa.

18. Está na natureza de todo ser racional desejar, segundo sua inclinação e sua maneira de ver, o que lhe parece melhor, e de buscar a satisfação justamente naquilo que lhe falta. Citamos exemplos: se um homem que possui uma bela mulher vê uma ainda mais bela, seu coração a deseja, seu olhar a cobiça; se tem uma veste preciosa, deseja uma ainda mais suntuosa; e quaisquer que sejam suas riquezas, inveja aqueles que são mais ricos que ele. Não vemos diariamente os homens donos de terras e propriedades comprar novos terrenos e, na sua ambição sem fim, ampliar o limite de seus domínios? Aqueles que habitam nas moradas reais, em vastos palácios, não param de anexar novas construções às já existentes; tomados por uma curiosidade incessante, nada fazem senão construir e destruir, modificando suas formas. E quanto aos homens cobertos de honras, não os vemos constantemente aspirar, com todas as forças e com uma ambição cada vez mais difícil de satisfazer, a postos mais elevados? Isso não tem fim, porque em todas essas coisas não se encontra um objetivo que seja propriamente o mais elevado e o melhor. Mas é de admirar que o que não se detém nem possuindo o maior e o mais perfeito não se satisfaça com o que é pior e menos elevado? Mas o que acho para lá de insensato é que sempre se desejam coisas que não podem não digo satisfazer, mas nem simplesmente adormecer nossas ambições. Não importa o que tenhamos, o desejo do que ainda não temos não diminui, e é sempre por aquilo que nos falta que mais suspiramos. O que ocorre? É que nosso coração, cedendo aos vários e enganosos encantos mundanos, fadiga-se inutilmente em sua corrida e nunca chega a se satisfazer; está sempre faminto, e o que já consumiu não vale para nada em comparação com o que ainda resta para comer; é muito mais atormentado pelo desejo daquilo que lhe falta do que pela satisfação do que tem. Não se pode ter tudo, e o pouco que se tem só se adquire ao preço do trabalho, só se desfruta disso com temor, e existe a dolorosa certeza de perdê-lo um dia, ainda que se ignore quando será esse dia. Aqui está a estrada que uma vontade pervertida segue, no caminho para o bem supremo; é seguindo nessa direção que se apressa para conseguir o que deve satisfazê-la; ou melhor, nesses desvios a vaidade zomba dela mesma, e a

iniquidade se engana. Se se quer alcançar o objetivo proposto e conseguir enfim aquilo cuja posse aplaca todos os desejos, por que procurar em tantas direções? Isso é se afastar do reto caminho, e a morte virá bem antes de se atingir o objetivo desejado.

19. Em todos esses desvios se perderam os ímpios que procuraram, por um movimento natural, satisfazer seu apetite e negligenciaram, como os insensatos, os meios de alcançar seus fins – quero dizer, ser consumado e não consumido. Ora, consomem-se em esforços vãos e não chegam a uma consumação feliz, porque estão mais apaixonados pelas criaturas do que pelo Criador, e, dirigindo-se a todas elas, experimentam-nas uma após outra, antes de pensar em experimentar o Senhor que as criou todas. É para lá que iriam com certeza, se pudessem um dia chegar ao termo de seus desejos, quer dizer, possuir todo o universo, menos aquele que é seu autor. E isso se faria em virtude da lei mesma de suas ambições, que faz esquecerem-se do que têm para aspirar ao que não têm; mestres de tudo o que está entre o céu e a terra, não tardariam em achar isso insuficiente e procurariam, enfim, aquilo que ainda lhes falta para que tivessem tudo, ou seja, Deus ele mesmo. Lá tendo chegado, apreciariam, por fim, o repouso, porque não se pode encontrá-lo alhures; não se sente mais a necessidade de ir além. Quem quer que se encontre lá não poderia deixar de exclamar: “[...] estar junto de Deus é o meu bem!” (Sl 72,28), ou ainda: “Quem teria eu no céu? Contigo, nada mais me agrada na terra” (*ibidem*, 25); e mais: “Minha carne e meu coração podem se consumir: a rocha do meu coração, a minha porção é Deus, para sempre!” (*ibidem*, 26). Eis então, como já disse mais acima, como se chegaria ao bem supremo, se se pudesse inicialmente apreciar todos os bens que são menores que ele.

20. Mas é absolutamente impossível proceder desse jeito. A vida é muito curta para isso, faltam-nos forças, e o número das coisas que compartilham nossa sorte é por demais considerável. Assim, quem quiser experimentar de tudo o que foi criado realiza um esforço inútil, porque, no longo caminho onde se engaja, não chegaria a termo, nem apreciaria tudo aquilo que atija sua cobiça. Por que não fazer estas experiências mentalmente, mais que na realidade? Seria mais fácil e mais vantajoso; a mente recebeu uma atividade e uma perspicácia maiores que o coração, precisamente a fim de poder antecipá-lo em tudo, e para que o coração não tivesse a imprudência de se ligar ao que a mente, que é mais rápida que ele, não achasse útil. É por isso, segundo digo, que está escrito: “Discerni tudo e ficai com o que é bom” (1Ts 5,21), a fim de que o primeiro prepare o terreno para o outro, e que o

coração só se ligue em consequência do julgamento feito pela mente. Não é possível elevar-se ao topo da montanha do Senhor (Sl 23,3) e repousar em seu santuário de outro modo, visto que é em vão que se possui uma alma, quer dizer, uma alma racional, se, ao exemplo dos animais, é abandonada ao impulso dos sentidos, enquanto a razão se cala e não lhe opõe nenhuma resistência. Aqueles cuja razão não ilumina a caminhada, muito menos a corrida, estão fora do caminho e, a despeito do conselho do Apóstolo, não correm de maneira a ganhar o prêmio (1Cor 9,24); com efeito, como poderiam obtê-lo, se querem antes obter todo o resto? Querer experimentar de tudo, começando desde o início, é seguir um caminho tortuoso e se engajar num circuito sem fim.

21. Não é assim que o justo procede. Impressionado pela falta da multidão engajada no desvio – pois o caminho que conduz à morte é amplo e populoso –, prefere o caminho real que não se inclina nem para a esquerda nem para a direita, segundo estas palavras do profeta: “A vereda do justo é reta, tu aplanas o trilho reto do justo” (Is 26,7). Toma, com efeito, o caminho mais curto, para evitar sabiamente os longos e inúteis desvios, e aprecia palavras simples que simplificam: não deseja o que vê, vende o que tem e o dá aos pobres, porque são certamente felizes, pois o reino dos céus é deles (Mt 5,3); sabe bem que todos que correm no estádio não chegam à mesma posição (1Cor 9,24). Enfim, o Senhor conhece e aprova o caminho que segue o justo (Sl 1,6), conhece também aquele do pecador que só consegue pecar; um é mais feliz em sua mediocridade que o outro no meio de suas imensas riquezas (Sl 36,16), pois o sábio disse, e o insensato provou: “[...] quem ama o dinheiro nunca está farto de dinheiro” (Ecl 5,9); “Felizes os que têm fome e sede da justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). Um espírito racional faz da justiça seu alimento vital e natural. Quanto ao dinheiro, a alma não se nutre dele mais do que o corpo do ar da atmosfera. Se um homem faminto fosse visto enchendo a boca de ar, aspirando-o longamente para se saciar, seria considerado louco; assim é quem pensa saciar a alma quando somente a infla dando-lhe coisas corporais; efetivamente, que importam estas coisas para o espírito? Não se nutre delas mais que o corpo das coisas sutis. Ó, minha alma, bendize o Senhor que te cobre de bens e realiza todos os teus desejos (Sl 102,1); dispensa teus bens e, ao mesmo tempo, incita-te ao bem, mantém-te no bem. Provê-te, apoia-te, completa-te, acende os desejos em ti, e é Deus mesmo o objeto pelo qual te inflamas.

22. Tenho dito que o motivo do amor de Deus é o próprio Deus, e tenho razão de o dizer: ele é ao mesmo tempo a causa eficiente e final do nosso

amor. Porque é ele que propicia a ocasião para o amor, que acende os ardores e, ainda, que realiza os desejos. Faz com que nós o amemos, ou melhor, ele é tal que não pode deixar de ser o objeto de nosso amor; também o é de nossa esperança; se não contássemos com a felicidade de amá-lo um dia, agora o amaríamos em vão. Seu amor prepara e recompensa o nosso. Em sua bondade excessiva, ele começa por nos prevenir, depois reclama de nós uma retribuição justa e, no porvir, reserva-nos as mais doces esperanças. É generoso para todos que o invocam; entretanto, em toda a sua riqueza não há nada que valha mais do que ele. É o termo de nossos méritos e recompensas, é o alimento das almas santas e a ração das almas cativas. Se já sois para a alma que vos busca uma fonte de felicidade, que sois então, Senhor, para aquela que já vos encontrou? Mas o que deve parecer estranho é que não vos busca quem não vos encontrou já; se bem que quereis ser encontrado por quem vos busca e buscado a fim de vos encontrar; mas, se é possível vos buscar e vos encontrar, ninguém pode se adiantar a vós; porque se dizemos: “[...] minha prece chega a ti pela manhã” (Sl 87,14), não é menos certo que seria bem morna, se vossa inspiração, ó meu Deus, já não estivesse presente antes. Falamos sobre a consumação do amor de Deus; falaremos agora sobre seus princípios.

CAPÍTULO VIII

Começamos por amar a nós mesmos; é para nós o primeiro grau do amor.

23. O amor é um dos quatro afetos naturais que todo mundo conhece, e que é conseqüentemente inútil denominar. Ora, seria natural e justo, antes de tudo, amar o autor da natureza: assim, o primeiro e maior mandamento é este: “Amarás ao Senhor teu Deus...” (Mt 22,37). Mas a natureza é muito frágil e muito fraca para seguir tal recomendação. Ela começa por amar a si mesma; é o amor que se chama carnal. O homem, então, se ama antes de tudo e por si mesmo; assim está escrito: “Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é carnal” (1Cor 15,46).^[1] Não é em virtude de um preceito que as coisas são desse jeito, mas é devido à própria natureza. De fato, “ninguém jamais quis mal à sua própria carne” (Ef 5,29). Mas, se esse amor desliza demais sobre sua encosta, como costuma ocorrer, se se espalha um pouco demais, se sai do leito da necessidade e se derrama ao longe no campo da voluptuosidade, como uma chuva cujas águas se agitam e transbordam, então se constrói uma barragem para contê-lo, sob a forma do preceito que nos ordena: “[...] amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,38). O que é mais justo, com efeito, que aquele que compartilha nossa natureza, compartilhe também os sentimentos que surgem dela? Porém, se lhe custa muito considerar não digo as necessidades de seus irmãos, mas seus prazeres, que ele se modere a si mesmo em torno dos seus próprios; caso contrário, vai na direção errada. Que ele pense em si tanto quanto queira, desde que também pense nos outros. Tais são, ó homem, o freio e a medida justa que lhe impõe a lei de seu ser e de sua consciência, a fim de que não realize nada segundo o comando de suas ambições e que não corra para o seu prejuízo (Eclo 18,30), colocando os bens da natureza a serviço dos inimigos da sua alma, quer dizer, de suas paixões. É bem melhor que os compartilhe com seu semelhante, quer dizer, seu próximo, do que com seu inimigo. Mas, se após o conselho do Sábio (*ibidem*), o homem renuncia à suas paixões, contenta-se, seguindo a doutrina do Apóstolo, com a alimento e o vestuário (1Tm 6,8) e se resigna voluntariamente a amar menos as coisas carnis que combatem a alma (1Pd 2,11), não terá problemas, creio, em dar a seu semelhante o que recusa ao inimigo de sua alma. Seu amor se encontrará dentro dos limites da justiça e da moderação, desde o instante

em que ele consagrar às necessidades de seus irmãos tudo o que recusa a suas próprias paixões. É assim que o amor pessoal se torna um amor fraternal, estendendo-se para além.

24. Mas se, enquanto compartilha com o próximo, a si mesmo falta o necessário, o que é preciso fazer? Nada além de orar com confiança àquele que dá a todos generosamente, sem jamais regular seus dons (Tg 1,5), que abre uma mão generosa e sacia todos os seres vivos (Sl 144,16); pois não se pode duvidar que aquele que não recusa nem mesmo o supérfluo à maior parte dos homens, não venha prontamente em ajuda àqueles que estão necessitados. Pois está dito: “[...] buscai o seu Reino, e essas coisas vos serão acrescentadas” (Lc 12,31). Ele está comprometido a dar o necessário àquele que restringe o supérfluo e ama o próximo; trata-se de buscar primeiro o Reino de Deus, implorar sua ajuda contra a tirania do pecado e suportar o jugo da pureza e da sobriedade, em vez de permitir ao pecado reinar em nosso corpo perecível. Ora, é ainda justo compartilhar os bens recebidos da natureza com aqueles com quem já se compartilha a própria natureza.

25. Mas para que nosso amor ao próximo seja perfeito, Deus precisa estar incluído; é possível, com efeito, amar o próximo como se deve, se não for em Deus? Ora, quem não tem nenhum amor por Deus, não ama nada em Deus; devemos então começar por amar a Deus, se se quer amar o próximo nele, de sorte que Deus, que é o autor de todos os outros bens, o é também de nosso amor por ele. Ele não somente criou a natureza, mas ainda a sustenta, pois ela é tal que, após ter recebido a existência, necessita ainda que aquele que a concedeu a conserve; se ela só pode ser por ele, não pode subsistir sem ele. É por isso que estamos bem convictos de que, para não nos atribuímos com orgulho os bens que lhe devemos, o Criador, por um desígnio profundo e salutar, quis que fôssemos sujeitos à tribulação: dessa maneira, se falharmos, Deus vem em nosso apoio, e salvos por Deus, renderemos a ele a honra que lhe convém. É o que ele mesmo diz: “[...] invoca-me no dia da angústia: eu te livrarei, e tu me glorificarás” (Sl 49,15). Eis como faz com que o homem animal e carnal, que só sabe inicialmente amar a si mesmo, comece em seguida, mas ainda assim por ele, a amar a Deus, vendo por sua própria experiência que recebe dele todo seu poder, ao menos para o bem, e que sem Deus não pode absolutamente nada.

CAPÍTULO IX

Segundo e terceiro graus do amor.

26. O homem já sente o amor por Deus, mas ainda não o ama senão por si mesmo, e não por Deus. Contudo, há alguma sabedoria nele por saber do que é capaz por si mesmo e o que não pode fazer sem a ajuda de Deus, e por tentar se manter irrepreensível aos olhos daquele que lhe conserva as forças. Mas o cortejo de tribulações pesa sobre ele e o obriga a recorrer a Deus; se recebe a cada vez um auxílio, não teria um coração de mármore ou de bronze por não ser tocado quando é socorrido pela bondade de seu Libertador, e por não começar a amá-lo por ele mesmo, e não por si? Ora, a continuidade das provações nos obriga a recorrer frequentemente a Deus, mas é impossível voltar para ele sem gostar dele, e impossível gostar dele sem reconhecer como ele é bom. Logo, iremos amá-lo como se deve, muito mais por causa de sua bondade do que por nosso próprio interesse, como no exemplo dos samaritanos dizendo à mulher que lhes anunciou que o Senhor estava entre eles: “Já não é por causa de teus dizeres que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo” (Jo 4,42). Também dizemos à nossa carne: agora não é por tua causa que amamos o Senhor, mas porque nós mesmos gostamos dele e reconhecemos o quanto ele é bom. As necessidades da carne são um tipo de linguagem que proclama, pela alegria e pela felicidade, benefícios que reconhece como importantes por experiência própria. Chegando a esse ponto, é fácil cumprir o preceito de amar o próximo como a nós mesmos: porque, se amamos Deus verdadeiramente, também amamos o que está nele, nosso amor é puro e não temos problema em nos submeter ao preceito que diz: “Pela obediência à verdade, purificastes as vossas almas para praticardes um amor fraternal sem hipocrisia. Amai-vos uns aos outros ardentemente e com coração puro” (1Pd 1,22). Isso é justo, e obedecemos de bom grado um mandamento tão justo; é pleno de encanto e de interesse, porque é inteiramente gratuito. É, então, um amor repleto de pureza, porque não se manifesta nem por gestos nem por palavras, mas por obras e pela verdade; é um amor cheio de justiça, porque dá tanto quanto recebe. Quem ama com esse amor, ama tanto quanto é amado, e não busca, por sua vez, senão os interesses de Jesus Cristo, e não mais os seus próprios; como Jesus, que buscou os nossos, ao invés de nós, que os buscamos egoisticamente. Eis

o amor daquele que diz: “Celebrai a Javé, porque ele é bom” (Sl 117,1). Aquele que louva ao Senhor, não porque ele é bom para si, mas simplesmente porque ele é bom, ama verdadeiramente a Deus por Deus, e não por si. Não é assim no caso daquele de quem está escrito: “Eles te aplaudem, pois tudo vai bem para ti. Ele vos louvará, quando vós lhe fizerdes o bem” (Sl 48,19).^[1] O terceiro grau do amor é, então, amar a Deus por ele mesmo.

CAPÍTULO X

O quarto grau do amor é de não mais amar a si senão por Deus.

27. Feliz daquele que subiu ao quarto grau do amor e que não mais ama a si mesmo senão por Deus. Vossa justiça, Senhor, é tão elevada quanto as mais altas montanhas (Sl 35,7); este quarto amor é semelhante, um monte muito alto, uma grande montanha fértil (Sl 67,16); qual homem poderá escalá-la? (Sl 23,3). Quem me dará as asas da pomba, a fim de que possa voar ao seu cume e repousar? (Sl 54,7). É um lugar calmo, é a morada de Sião (Sl 75,3). Ah! Como é longo meu exílio! (Sl 119,5).^[1] Quando a carne e o sangue, e as impurezas de que sou feito, elevar-se-ão até lá? Quando, então, embriagada do amor de Deus, minha alma se esquecerá dela mesma e, sem se estimar mais do que a um vaso quebrado, lançar-se-á em direção a Deus, perder-se-á nele, não sendo mais do que um único espírito com ele? (2Cor 6,17).^[2] Quando poderá exclamar: “Minha carne e meu coração podem se consumir: a rocha do meu coração, a minha porção é Deus, para sempre!”? (Sl 72,26). Exclamo: santo e feliz é aquele que pode alguma vez, uma única vez que seja, provar qualquer coisa semelhante durante esta vida mortal, nem que tenha sido por um minuto, um único instante furtivo! Pois não é uma felicidade humana, mas já é a vida eterna perder-se em tal sorte, como se não se existisse mais, não se sentisse mais o próprio ser; ficar vazio de si, reduzido a quase nada. Se qualquer mortal se eleva até esse ponto, mesmo que de passagem, como dissemos, por um segundo furtivo, este mundo maldoso fica com ciúmes e vem turvar a sua felicidade; este corpo mortal solicita que desça; as preocupações e as necessidades da vida o pressionam com toda força; a fraqueza da carne o desencoraja, e, ainda por cima, o amor de seus semelhantes o chama com a maior força e violência – ai! – a voltar a si mesmo e a exclamar: “Senhor, estou oprimido, socorre-me!” (Is 38,14), ou melhor ainda: “Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?” (Rm 7,24).

28. Se a Escritura diz que Deus fez tudo por ele mesmo, as criaturas devem se conformar e se resignar, pelo menos às vezes, ao pensamento de seu autor. Devemos também participar desse sentimento e nos dirigir inteiramente a Deus, ao seu prazer, e não ao nosso, conforme o que é e o que foi, porque ele quis que nada fosse sem ele. Nossa felicidade está menos

na satisfação de nossas necessidades e nos bens que nos serão concedidos do que no cumprimento da vontade de Deus em nós; é o que nós lhe pedimos todos os dias dizendo: “[...] seja feita a tua vontade na terra, como no céu” (Mt 6,10). Ó puro e santo amor! Ó doce e santa afeição! Ó submissão da alma íntegra e desinteressada! Tanto mais íntegra e mais desinteressada quanto mais isenta de preocupação consigo mesma; tanto mais terna e mais doce quanto mais experimenta do divino. Chegar a esse ponto é ser deificado. Igual a uma pequena gota d’água que, misturada a uma grande quantidade de vinho, parece desaparecer, impregnando-se do gosto e da cor deste líquido; igual ainda, na forja em que é moldado, ao ferro, que parece perder sua natureza e se transformar em fogo; ou como o ar penetrado pelos raios do sol, que se transforma em luz e parece mais iluminar do que ser ele próprio iluminado; é assim no caso dos sentimentos humanos dos santos: parece que eles se fundem e se diluem na vontade de Deus. De outro modo, se restasse ainda qualquer coisa de humano no homem, como Deus seria tudo em todos? Sem dúvida, a natureza humana não se dissolverá, mas ela será bela, gloriosa e poderosa de outra forma. Quando será assim? Quem o verá e quem o experimentará? “Quando voltarei a ver a face de Deus?” (Sl 41,3). Senhor, meu Deus, meu coração vos falou, meus olhos vos procuraram; esforçar-me-ei, Senhor, para contemplar vossa mirada (Sl 26,8). Ser-me-á dado ver vosso templo santo?

29. Por mim, não creio que se possa observar perfeitamente este preceito: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito” (Mt 22,37), visto que teu coração é obrigado a se ocupar do corpo, que a alma não está dispensada de velar e conservá-lo cheio de vida e de sensibilidade no estado presente, e que sua energia, entregue a todas as nossas misérias, não se apoia sobre a força mesma de Deus; pois ela não se aplica a Deus, nem contempla a sua face divina, uma vez que deve velar sobre este corpo frágil e infeliz e lhe dar cuidados. Que ela não espere alcançar este quarto^[3] grau de amor, ou melhor, estar ela mesma nele, a não ser quando revestir um corpo espiritual e imortal, puro e calmo, obediente e submisso em tudo ao espírito, que só pode ser a obra agradável do poder de Deus, e não aquela da indústria humana. Digo, então, que nossa alma chegará facilmente a este grau supremo do amor quando as misérias ou os encantos da carne não forem mais obstáculos para sua marcha rápida e acelerada em direção à alegria que ela deve encontrar no Senhor. Devemos acreditar que os santos mártires, antes mesmo de suas almas deixarem seus corpos vitoriosos, desfrutaram, ao menos em parte,

dessa felicidade? É certo, em todo caso, que um amor imenso contentou sua alma, para lhes dar a força de dispor de sua vida e de desprezar os tormentos, como eles fizeram. Entretanto, não se pode duvidar que os suplícios aflitivos que sofreram não tenham alterado, nem destruído, a alegria de sua alma.

CAPÍTULO XI

O amor perfeito não será compartilhado pelos santos até a ressurreição geral.

30. Mas o que se deve pensar das almas atualmente livres de seu corpo? Creio que estão totalmente imersas no oceano sem fim da luz eterna e da imensidão luminosa. Mas se elas ainda aspiram, não se pode negar, a reunir-se ao corpo que animaram, se elas nutrem tal desejo e tal esperança, é evidente que elas não são totalmente diferentes do que eram, e que ainda lhes resta alguma coisa que atrai – bem pouco, sem dúvida, mas ainda assim atrai – a sua atenção. Enquanto a morte não for absorvida pela vitória, a luz eterna não invadir todas as partes do domínio da noite e a glória celeste não brilhar também em nosso corpo, as almas não podem se desprender e ir totalmente para Deus; os laços do corpo as retêm sempre acorrentadas, se não pela vida e pelo sentimento, ao menos por certa afeição natural que não lhes permite nem a vontade nem o poder para alcançar a consumação. Além disso, até que seus corpos lhes sejam restituídos, as almas não experimentarão esse desfalecimento em Deus que é para elas a suprema perfeição; elas não procurariam essa união se tudo estivesse consumado por elas, sem eles; mas se é um progresso para a alma deixar seu corpo, é uma perfeição reavê-lo. Enfim, a morte dos justos é preciosa^[1] aos olhos de Deus (Sl 115,15). Mas, se se pode falar assim da morte, o que não se pode dizer da vida e, sobretudo, desta vida? Não há nada de surpreendente no fato de que a alma acredite poder obter alguma glória de seu corpo, imaginando que contribuiu de veras com seus méritos, por mais mortal e enfermo que seja. Como é verdadeiro o que está escrito: “Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam”! (Rm 8,28). Assim, a alma que ama a Deus tira vantagem de seu corpo fraco e enfermo, quer esteja vivo, morto ou ressuscitado; durante a vida ele produz com ela os frutos da penitência; na morte ele serve para seu repouso, e após a ressurreição ele contribui para a consumação de sua felicidade. Então, ela tem razão de não se sentir perfeita sem ele, porque ela o vê contribuir consigo para o bem em cada um desses três estados.

31. O corpo é, então, para a alma um bom e fiel companheiro; se é para ela um fardo, é ao mesmo tempo uma ajuda; quando cessa de ajudar, cessa igualmente de pesar sobre ela; no fim, ele retorna apenas como ajuda e não

é mais um fardo para ela. O primeiro estado é penoso, mas útil; o segundo, ocioso, aborrecido, de certa forma; e o terceiro é glorioso. Ouve como o Esposo dos Cânticos convida a alma a esta tripla sucessão: “Comei e bebei, companheiros, embriagai-vos, meus caros amigos” (Ct 5,1). As almas que ele convida a comer são aquelas que trabalham no corpo; tendo-o deixado para descansar na morte, ele as convida para beber, insiste para se embriagarem quando o readquiriram; e se as chamou caras amigas, é para indicar que são todas repletas de caridade; pois às primeiras diz somente: companheiras, entendendo que aquelas que gemem, ainda sob o peso de seu corpo, não são queridas senão na proporção de amor que experimentam em si mesmas. Quanto àquelas que estão livres dos entraves do corpo, são tão mais queridas quanto adquiriram mais independência e facilidade para amá-lo. Mas, em comparação com as almas colocadas em uma dessas duas condições, ele tem por caras amigas, como o são, de fato, aquelas que revestiram sua segunda túnica, reavendo seu corpo de glória, e se sentindo levadas a amar a Deus com tamanha liberdade e alegria que não resta nada mais atrás delas que as retenha e atrase seu elã. Ora, não é assim em nenhum dos primeiros casos. Com efeito, em um deles, o corpo transmite seu peso e sua fadiga à alma, e no outro, é para ela objeto de uma esperança que envolve o desejo pessoal.

32. A alma fiel começa então por comer seu pão, mas ai!, com o suor de seu rosto (Gn 3,19); com efeito, enquanto permanece no corpo, ela não caminha senão pela fé, mas devendo agir pela caridade, porque sem obras a fé é morta. Ora, são as obras que são seu alimento, segundo o que diz o Senhor: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou” (Jo 4,34). Quando deixa seu despojo mortal, cessa de comer o pão da dor e, como no final da refeição, começa a sorver o vinho do amor; mas não o bebe sem mistura, segundo o Esposo do Cântico, que diz: “[...] bebi meu vinho e meu leite” (Ct 5,1), porque, ao vinho do amor de Deus, a alma que deseja se reunir ao seu corpo – mas ao corpo glorioso – mistura o leite repleto de doçura da afeição natural: ela já sente a influência dos vapores do vinho da caridade divina que bebe, mas não ainda até a embriaguez; o leite misturado ao vinho tempera sua força, pois a embriaguez turva a mente e a faz perder até a lembrança de si mesma, e a alma que cogita a ressurreição futura do corpo que lhe pertenceu não pode perder totalmente a lembrança de si. Mas, após obter a única coisa que ainda lhe faltava, o que pode agora impedir que se abandone a si mesma, para imergir inteira em Deus, e que se assemelhe menos a si, se lhe é concedido tornar-se semelhante a Deus? Podendo então

aproximar seus lábios da taça da sabedoria, como está dito: “Que meu cálice que leva a embriaguez é bom” (Sl 22,5),^[2] não é de surpreender se ela se embriaga da abundância que está na casa de Deus; livre de toda preocupação consigo mesma, bebe longa e tranquilamente, no reino do Pai, o vinho puro e jovem do Filho.

33. Ora, é a sabedoria que concede este triplo banquete, em que não serve senão os pratos da caridade; ela dá de comer o pão àqueles que ainda trabalham, dá de beber o vinho àqueles que já desfrutam do repouso, e leva à embriaguez aqueles que entraram no reino do céu; o que se faz nas mesas ordinárias, ela o faz aqui, e não serve a bebida até que seus convivas tenham se alimentado. Enquanto estamos nesta vida, revestidos de um corpo mortal, nada fazemos a não ser comer o pão ganho pelo nosso esforço, e o engolimos após havê-lo penosamente mastigado com os dentes; assim que damos o último suspiro, começamos a beber na vida espiritual, em que sorvemos, com um abandonar-se pleno de doçura, a bebida que nos é dada; depois, quando restituirmos nosso corpo de volta à vida, beberemos até a completa embriaguez em uma vida que não tem mais fim. Eis o sentido destas palavras do Esposo: “Comei e bebei, companheiros, embriagai-vos, meus caros amigos!” (Ct 5,1). Comei durante esta vida, bebei após vossa morte, embriagai-vos após a ressurreição, vós que então chamo com razão meus caros amigos, pois estais embriagados de amor. Como não seria quando foram admitidos às bodas do Cordeiro, assentados a sua mesa, bebendo e comendo em seu reino, e eis que ele faz aparecer diante deles sua Igreja gloriosa, sem mancha nem rugas, ou coisa semelhante (Ef 5,27)? É então que embriaga seus mais queridos amigos, derramando-lhes um rio de delícias (Sl 35,9), pois durante os abraços vivos e puros do Esposo e da Esposa, uma torrente de felicidade se derrama e agrada a cidade de Deus (Sl 45,5), isto que, segundo penso, não designa senão o próprio Filho de Deus, que passa como se servisse os convivas (Lc 12,37) conforme ele prometeu, a fim de que os justos se rejubilem e exultem na presença de Deus e se rejubilem na alegria (Sl 67,4). Eis de onde vem essa saciedade que não é seguida pela aversão; esse ardor insaciável, mas calmo e pacífico de ver; esse eterno e incomparável desejo de ter, que não tem sua origem na privação; enfim, essa embriaguez sem exagero, que mergulha e se afoga não no vinho, mas em Deus e na Verdade. A alma, então, chegou para sempre ao quarto degrau do amor, quando ela não ama nada mais que Deus, e o ama soberanamente; pois neste caso, não nos amamos mais por nós, mas por Deus, de forma que ele é a recompensa, mas a recompensa eterna daquele

que o ama e o ama para sempre.

CAPÍTULO XII

Fragmento de uma carta aos Cartuxos sobre a caridade.

34. Lembro-me de ter escrito aos santos religiosos da Cartuxa uma carta (é a décima primeira), em que falei dos graus do amor; talvez tenha dito ainda outras coisas, mas sempre sobre o mesmo assunto; assim, não acho inútil incluir aqui algumas passagens dessa carta, considerando que é mais fácil copiar o que já escrevi do que escrever de novo. Disse então que a caridade verdadeira e sincera, que realmente vem de um coração puro, de uma consciência boa e de uma fé sincera, é aquela que nos faz amar o bem do próximo como o nosso próprio. Porque aquele que não ama senão o que lhe concerne, ou, ao menos, ama mais o que lhe concerne do que o que concerne aos outros, mostra bem que não tem um amor puro e que não ama o bem pelo bem, mas por si mesmo; então não pode obedecer ao profeta que lhe diz: “Celebrai a Javé, porque ele é bom” (Sl 117,1). Pode ser que o celebre porque é bom para ele, mas não o celebra porque é bom em si; deveria estar convencido de que o Profeta tinha isso em mente, quando disse, sob o tom da reprovação: “Senhor, ele vos renderá glória quando vós lhe fizerdes o bem” (Sl 48,19).^[1] Há homens que glorificam o Senhor porque ele é poderoso, há os que o glorificam porque é bom para eles; enfim, veem-se os que o louvam simplesmente porque é bom. Os primeiros são escravos que temem por si; os segundos, mercenários que buscam a própria vantagem; e os últimos são os filhos verdadeiros que não pensam senão em seu Pai. Ora, os primeiros e os segundos não pensam senão neles; somente os verdadeiros filhos são desinteressados em seu amor (2Cor 13,5),^[2] e é sobre eles, penso, que está escrito: “A lei de Javé é perfeita, faz a vida voltar” (Sl 18,8). Com efeito, é ela que pode arrancar a alma do amor próprio ou do amor mundano, para direcioná-la ao amor de Deus, o que evidentemente não faria nem o temor nem o amor por interesse; eles bem podem modificar a aparência e o comportamento, mas não tocam em cheio o coração. É certo que, às vezes, uma alma servil faz a obra de Deus, mas, como não age espontaneamente, persevera em sua indiferença. Também é assim com a alma mercenária, mas, como não age desinteressadamente, não cede, evidentemente, senão às ideias de seu próprio interesse. Mas, quando se diz próprio, se diz individual e, por consequência, limitado; ora, nas encruzilhadas que se formam nos limites, nas fronteiras, encontram-se a

sujeira e o lixo. Que a alma servil tenha sua lei no medo que a domina, eu concordo; já a mercenária a tem no interesse particular que a sufoca, quando as tentações da concupiscência a atraem e a arrastam para o mal; mas nem o temor nem o interesse particular são isentos de máculas, e não podem converter as almas. Isso não é possível senão para a caridade, quando age sobre a vontade.

35. Ora, eis por que a considero sem mácula: ordinariamente ela não reserva para si nada do que lhe pertence; aquele que não guarda nada para si dá a Deus, certamente, tudo o que tem; ora, o que Deus possui não pode ser impuro. Assim, essa lei de Deus sem mancha e sem sujeira não é outra senão a caridade, que não busca a própria vantagem, mas a vantagem dos outros. Chamamo-la a lei de Deus, seja porque é a própria vida de Deus, seja porque ninguém a possui se não a recebe de Deus. Não há nenhum absurdo em dizer que essa lei é a vida mesma de Deus, porque disse que não é outra coisa senão a caridade. Com efeito, de onde vem a unidade inefável e perfeita da suprema e bem-aventurada Trindade? Não é da caridade? Então ela é a lei do Senhor, pois é ela que agora, assim posso dizer, coloca a unidade na Trindade, liga-a com o laço da paz. Entretanto, não é preciso acreditar que fiz aqui da caridade uma qualidade ou um acidente de Deus; seria dizer (e Deus me livre!) que nele há qualquer coisa que não seja ele; ela é a substância mesma de Deus; não ousa aqui nada de novo ou de inédito, porque Deus é caridade,^[3] segundo o próprio São João (1Jo 4,8). Pode-se dizer com razão que a caridade é Deus ao mesmo tempo que um dom de Deus. A caridade dá a caridade, a substância dá o acidente. Quando falo do que dá, falo da substância; quando falo do que é dado, falo do acidente. Ela é a lei eterna, criadora e moderadora do universo; se todas as coisas foram feitas com peso, número e medida, foram feitas por ela. Nada existe sem lei, nem mesmo isso que é a lei de todas as coisas; é verdade que a lei que a rege vem de si mesma, mas é uma lei incriada como ela.

CAPÍTULO XIII

Da lei da vontade própria e da concupiscência, que é aquela dos escravos e dos mercenários.

36. Quanto ao escravo e ao mercenário, eles têm, um e outro, uma lei, mas não a receberam do Senhor; eles a fizeram para si: um não amando Deus, outro não o amando acima de todas as coisas. Sua lei, repito, é a deles, e não aquela de Deus; porém, a sua está submissa àquela, porque se cada um pode fazer uma lei para si, não pode subtraí-la da ordem imutável da lei divina. No meu ponto de vista, é fazer uma lei para si preferir sua própria vontade à lei eterna e comum e, por uma imitação do Criador, que chamarei contrária à ordem, não reconhecer como mestre senão a si, nem outra regra que não seja sua própria vontade – a exemplo de Deus, que é sua própria lei e não depende a não ser de si mesmo. Ai! Por todos os filhos de Adão, essa vontade que inclina e curva nossa frente até nos aproximar do inferno^[1] (Sl 87,4) é um fardo pesado e insuportável! “Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?” (Rm 7,24). Ele me oprime a tal ponto que, se o Senhor não viesse em minha ajuda, faltaria pouco para que fosse precipitado no inferno (Sl 93,17). É sob o peso desse fardo que lamenta aquele que disse: “Por que me tomas por alvo? E cheguei a ser um peso para mim?” (Jó 7,20).^[2] Por estas palavras: “um peso para mim”, quis dizer que estava sob sua própria lei e era o próprio autor dela. Mas quando começa por dizer, dirigindo-se a Deus: “Por que me tomas por alvo?”, mostra que não escapou da ação da lei divina; porque é ainda próprio dessa lei eterna e justa que todo homem que recusa submeter-se a sua doce autoridade torne-se seu próprio tirano, e que todos aqueles que rejeitam o jugo doce e o fardo leve da caridade são forçados a gemer sob o peso opressor de sua própria vontade. Assim, de uma maneira admirável a lei divina fez daquele que a abandona ao mesmo tempo um adversário e um sujeito; pois, por um lado, não pode escapar da lei da justiça, segundo o que merece; e por outro, não se aproxima de Deus, nem de sua luz, nem de seu repouso, nem de sua glória: então está ao mesmo tempo curvado sob o poder de Deus e excluído da felicidade divina. Senhor meu Deus, por que não limpais meu pecado e por que não fazeis desaparecer minha iniquidade, a fim de que, rejeitando o peso opressor de minha própria vontade, respire sob o leve fardo da caridade, e que, não estando submetido aos abraços do temor servil nem aos

ataques da cupidez mercenária, não seja mais possuído senão pelo sopro de vosso espírito, deste espírito de liberdade que é aquele de vossos filhos (Rm 8,14)? Quem prestará testemunho e garantirá que eu também, eu estou entre vossos filhos, que vossa lei é a minha e que estou no mundo como vós estais? Porque é bem certo que, enquanto se observa este preceito do Apóstolo: “Não devais nada a ninguém, a não ser o amor mútuo” (Rm 13,8), se está neste mundo como está o próprio Deus, e não se é mais nem escravo, nem mercenário, mas filho de Deus.

CAPÍTULO XIV

Da lei de amor que é própria aos filhos.

37. Vê-se então que os filhos não estão sem lei, a menos que se pense o contrário, porque está dito: “[...] sabendo que ela^[1] não é destinada ao justo” (1Tm 1,9). Mas é preciso saber que há uma lei promulgada no espírito de servidão, que não imprime senão o medo; e que há outra ditada pelo espírito de liberdade, que não inspira senão a doçura. Os filhos não são constrangidos a seguir a primeira, mas estão sempre sob a autoridade da segunda. Eis aqui em que sentido é dito que a lei não é feita para os justos, segundo estas palavras do Apóstolo: “Não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor” (Rm 8,15); e como se deve ouvir, todavia, que não estão sem a lei da caridade, depois desta outra passagem: “[...] mas recebestes um espírito de filhos adotivos” (*Idem*). Escutai, enfim, de que maneira o justo diz que ao mesmo tempo está e não está sujeito à lei. “Para os que estão sujeitos à Lei, fiz-me como se estivesse sujeito à Lei – se bem que não esteja sujeito à Lei –, para ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei. Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei – ainda que não viva sem a lei de Deus, pois estou sob a lei de Cristo” (1Cor 9,20-21). Não é exato dizer: não há lei para os justos; mas é preciso dizer: “A lei não é feita para os justos”, quer dizer, ela não é feita para constrangê-los; mas aquele que lhes impõe esta lei repleta de doçura, ama e agrada aos justos, que a observam sem constrangimento. Eis por que o Senhor disse tão bem: “Tomai sobre vós o meu jugo” (Mt 11,29). Como se ele dissesse: não vo-la imponho, tomai-o se quiserdes; mas se não o fizerdes, aviso que, no lugar do repouso prometido, não encontrareis senão castigo e fadiga para vossas almas.

38. A caridade é então uma lei doce e boa; não só é leve e agradável de seguir, mas também deixa leves e doces as duas leis, a do escravo e a do mercenário; pois, no lugar de destruí-las, ela os faz observá-las, segundo o que disse o Senhor: “Não vim revogá-los,^[2] mas dar-lhes pleno cumprimento” (Mt 5,17). Com efeito, ela modera a primeira, regula a segunda e suaviza ambas. Jamais a caridade irá sem o temor, mas esse temor é bom; ela não se despojará de todo pensamento interessado, mas seus interesses serão regrados. A caridade aperfeiçoa a lei do escravo, inspirando-lhe um generoso abandono, e a do mercenário, dando um bom

direcionamento aos seus desejos; ora, esse abandono generoso unido ao temor não aniquila este último, somente o purifica, fazendo desaparecer o que tem de doloroso. Na verdade, não há mais a preocupação do castigo, do qual o temor servil nunca está isento, mas a caridade o torna puro e filial, subsistindo sempre. Se está escrito: “Não há temor no amor” (1Jo 4,18), deve-se compreender como se se tivesse banido o doloroso temor do castigo, do qual, como dissemos, o temor servil jamais está isento. É uma figura de linguagem comum, que consiste em tomar a causa pelo efeito. Quanto à cupidez, encontra-se também perfeitamente regrada pela caridade que se une a ela, uma vez que, cessando de desejar o que é mal, começa a preferir o que é melhor; ela não aspira ao bem, senão para chegar ao bem maior. Quando, pela graça de Deus, chega-se a esse ponto, não se ama o corpo e tudo que o concerne senão por amor à alma; à alma por Deus, e a Deus por ele mesmo.

CAPÍTULO XV

Os quatro degraus do amor e o estado bem-aventurado dos santos no céu.

39. Enquanto somos carnis e nascemos da concupiscência da carne, isto é, da cupidez, o amor deve começar em nós pela carne; mas, se é guiado por um bom caminho, avança por graus sob a condução da graça e não pode deixar de chegar, enfim, à perfeição, pela influência do espírito de Deus; pois o que é espiritual não se antecipa ao que é animal (1Cor 15,46); ao contrário, o espiritual não vem senão em segundo lugar; assim, antes de possuir a imagem do homem celeste, devemos começar por possuir a do homem terrestre. O homem começa, então, por amar a si mesmo, porque é carne e não pode gostar senão do que se relaciona com ele; depois, quando vê que não pode subsistir por si mesmo, coloca-se a buscar a fé e a amar a Deus como um ser que lhe é necessário. Não é senão em segundo lugar que ama a Deus; e ainda não o ama senão por si, e não por ele. Mas tão logo pressionado por sua própria miséria, começa a servir a Deus e a se aproximar dele, pela meditação e pela leitura, pela prece e pela obediência, chega pouco a pouco e se habitua, sem perceber, a conhecer Deus, e, por consequência, a achá-lo doce e bom: enfim, após ter apreciado o quanto é amável, eleva-se ao terceiro grau; então, não é mais por si, mas é por Deus mesmo que ama a Deus. Uma vez chegado lá, não sobe mais alto, e não sei se nesta vida o homem pode verdadeiramente se elevar ao quarto grau, que é de não mais amar a si senão por Deus. Aqueles que acreditam que lá chegaram, afirmam que não é impossível; por mim, não creio que se possa elevar até lá, mas não duvido que isso ocorra quando o bom e fiel servidor é admitido a compartilhar a felicidade de seu mestre e a se embriagar das inúmeras delícias da casa de seu Deus, pois, estando em um tipo de embriaguez, de qualquer modo ele se esquecerá de si, perderá o sentimento do que é e, totalmente absorvido em Deus, ligar-se-á a ele com todas as forças e logo não será mais senão um mesmo espírito com ele. Não é esse o sentido destas palavras do Profeta: “Eu virei com o poder de Javé, para recordar tua única justiça”? (Sl 70,16). Ele sabia bem que, desde que estivesse na posse da glória de Deus, seria despojado de todas as doenças da carne e não poderia mais pensar nelas, e, quando se tornasse todo espiritual, não estaria ocupado senão com as perfeições de Deus.

40. Então, todos os membros do Cristo poderão dizer, falando dele, o que Paulo disse de nosso chefe: “[...] se conhecemos Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim” (2Cor 5,16). Com efeito, como a carne e o sangue não têm lugar no Reino de Deus, nada se conhece segundo a carne. Não é que nossa carne não estará lá um dia, mas não será admitida se não for despojada de todas as suas enfermidades; o amor pela carne será absorvido pelo do espírito, e todas as fraquezas e paixões humanas que existem no presente serão transformadas em uma potência totalmente divina. Então a rede que a caridade joga neste vasto mar, para pescar sem cessar todo gênero de peixes, uma vez trazida para a praia, rejeitará os maus e não mais reterá senão os bons. Aqui embaixo, a caridade preenche com todo tipo de peixes as malhas de sua rede. Provê a todos, segundo o momento, atravessando e compartilhando, de certa forma, a boa e a má fortuna daqueles que ela envolve. Acostuma-se a se rejubilar com aqueles que estão alegres, assim como derramar lágrimas por aqueles que estão aflitos. Mas quando puxar sua rede sobre a praia eterna, rejeitará como peixes ruins tudo o que sofre de defeito, e não conservará senão o que é agradável e louvado. Então não se verá mais São Paulo tornar-se fraco com os fracos ou corar por aqueles que escandalizam, pois não haverá mais nem escândalos nem doenças de nenhum tipo. Não é mais preciso acreditar que ainda derramará lágrimas sobre os pecadores que não fazem penitência aqui embaixo: como não haverá mais pecadores, não será mais necessário fazer penitência. Não se deve pensar que ele gemerá e derramará lágrimas sobre aqueles que ardem eternamente com o diabo e quem o rodeia; pois não haverá nem medo nem aflição nesta cidade santa, inundada por uma torrente de delícias, e que o Senhor estimou mais que todas as tendas de Jacó; nessas tendas se desfrutava, às vezes, da alegria da vitória, mas não se estava jamais fora de combate e sem perigo de perder a vida; mas na pátria não há mais lugar nem para revesses nem para gritos e lágrimas, como dizemos nos cantos da Igreja: “Eis por que terão porção dobrada em sua terra e gozarão de alegria eterna” (Is 61,7; Sl 86,7). Não será nem mesmo questão da misericórdia divina neste lugar onde doravante não deve reinar senão a justiça; e não se sentirá mais compaixão, porque a misericórdia será banida e não terá mais por que ser exercida.

Direção editorial:
Claudio Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital:
João Paulo da Silva

Assistente editorial:
Jacqueline Mendes Fontes

Coordenador de Revisão:
Tiago José Risi Leme

Revisão:
Tarsila Doná
Tiago José Risi Leme

Capa:
Marcelo Campanhã

Desenvolvimento digital:
Daniela Kovacs

Conversão EPUB:
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bernardo, de Claraval, Santo, 1091-1153.
Tratado sobre o amor de Deus [livro eletrônico] / de Claraval,
São Bernardo; [tradução Nei Ricardo de Souza]. - São Paulo: Paulus, 2015.
717Kb; ePUB

Título original: De diligendo Deo.

Bibliografia.
eISBN 978-85-349-4299-7
1. Amor - Aspectos religiosos 2. Deus - Culto e amor 3. Papas 4. Vida cristã I. Título.

15-06989

CDD-248.4

Índices para catálogo sistemático:
1. Amor a Deus: Vida cristã: Cristianismo 248.4

Título original:
De diligendo Deo
Tradução:
Nei Ricardo de Souza

© PAULUS - 2015
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
[\[Facebook\]](#) • [\[Twitter\]](#) • [\[Youtube\]](#)
eISBN 978-85-349-4299-7

Notas

CAPÍTULO III

- [1] Relva, na BJ. (N.T.)
- [2] Fértil, na BJ (N.T.)
- [3] Diferente do original, na BJ. (N.T.)

CAPÍTULO VIII

[1] Psíquico, na BJ. (N.T.)

CAPÍTULO IX

[1] Mantido como no original para conservar o sentido. (N.T.)

CAPÍTULO X

- [1] Na BJ, Mosoc e Cedar, terra de bárbaros. (N.T.)
- [2] Na BJ, sentido de ser acolhido. (N.T.)
- [3] No original, terceiro, mas não faz sentido. (N.T.)

CAPÍTULO XI

[1] Diferentemente na BJ, “é custosa”, no sentido de que há menos fiéis no mundo, mas aqui se manteve a tradução original, para não prejudicar o contexto. (N.T.)

[2] E minha taça transborda, na BJ. (N.T.)

CAPÍTULO XII

[1] Mantido como no original. (N.T.)

[2] “Vedes se estais na fé, provai-vos”, segundo a BJ. (N.T.)

[3] Deus é amor, conforme a BJ. (N.T.)

CAPÍTULO XIII

[1] “A beira do Xeol”, segundo a BJ. (N.T.)

[2] Na BJ, “para ti”, segundo o texto grego, “para mim”, segundo o texto hebraico; mantido assim devido ao contexto. (N.T.)

CAPÍTULO XIV

[1] A lei. (N.T.)

[2] Aos profetas. (BT)